

DIREÇÃO DE

José Eduardo Franco

# DICIONÁRIO DOS ANTIS

A CULTURA PORTUGUESA EM NEGATIVO

VOLUME 2




COORDENAÇÃO DE

Adelino Cardoso ☿ Aida Sampaio Lemos  
António Castro Henriques ☿ Carlos Fiolhais  
Helena Mateus Jerónimo ☿ João Relvão Caetano  
Joaquim Pintassilgo ☿ José Carlos Lopes de Miranda  
Luís Machado de Abreu ☿ Luiz Eduardo Oliveira  
Manuel Curado ☿ Manuel Silvério Marques ☿ Micaela Ramon  
Pedro Barbas Homem ☿ Ricardo Ventura

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

DICIONÁRIO  
DOS  
ANTIS



N.º 073

*Dicionário dos Antís, Vol. 2*

Da presente edição em dois volumes,  
fizeram-se 400 exemplares  
numerados 1/400



DIREÇÃO DE  
José Eduardo Franco

DICIONÁRIO  
DOS  
ANTIS

*A Cultura Portuguesa em Negativo*

VOLUME 2  
DICIONÁRIO: AL-AX  
ELUCIDÁRIO

COORDENAÇÃO DE

Adelino Cardoso ✻ Aida Sampaio Lemos  
António Castro Henriques ✻ Carlos Fiolhais  
Helena Mateus Jerónimo ✻ João Relvão Caetano  
Joaquim Pintassilgo ✻ José Carlos Lopes de Miranda  
Luís Machado de Abreu ✻ Luiz Eduardo Oliveira  
Manuel Curado ✻ Manuel Silvério Marques ✻ Micaela Ramon  
Pedro Barbas Homem ✻ Ricardo Ventura

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

**Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.**  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/INCM.Livros](https://www.facebook.com/INCM.Livros)  
[prelo.incm.pt](http://prelo.incm.pt)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

© Instituto Europeu de Ciências da Cultura P. Manuel Antunes (IECCPMA)  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**TÍTULO**

Dicionário dos Antis: A Cultura Portuguesa em Negativo – Volume 2

**DIREÇÃO**

José Eduardo Franco

**COORDENAÇÃO**

Adelino Cardoso, Aida Sampaio Lemos,  
António Castro Henriques, Carlos Fiolhais,  
Helena Mateus Jerónimo, João Relvão Caetano,  
Joaquim Pintassilgo, José Carlos Lopes de Miranda,  
Luís Machado de Abreu, Luiz Eduardo Oliveira,  
Manuel Curado, Manuel Silvério Marques, Micaela Ramon,  
Pedro Barbas Homem, Ricardo Ventura

**DESIGN, CAPA E PAGINAÇÃO**

António Rochinha Diogo | ARD-Cor

**EDIÇÃO E REVISÃO**

Maria José Figueiredo (coord.),  
Álvaro Almeida, Milene Alves, Vanda Figueiredo

**IMPRESSÃO E ACABAMENTOS**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**1.ª EDIÇÃO**

Novembro de 2018

**ISBN**

978-972-27-2716-7

**DEPÓSITO LEGAL**

443944-18

**EDIÇÃO**

1020391

de forme [o mito exige o consentimento, não pode deixar de ser uma representação coletiva que – como se verifica nas festividades – permanece sempre viva e sem perturbações. Mas, quando uma parte da coletividade o recusa, quando uma sociedade se desfaz, pluralizada, ou quando a ciência ganha forma, dá-se o crepúsculo do mito, que se degrada em superstição; e é assim que, pouco a pouco, o pensamento 'positivo' se dissipa, ou antes, muda de forma]" (BONNEFOY, 1988, 12 e 13).

Percebe-se, portanto, que existe um significativo grau de negatividade em todas as manifestações de dissidência, que, em diferentes escalas e com distintos resultados no que respeita à transformação das ideias no decorrer da história de uma cultura, coloca em causa os mitos predominantes. Assim, evidencia-se de que modo a generalidade dos valores resultou de uma criação humana – passível de ser questionada e desconstruída, modificada e, eventualmente, substituída por outro paradigma – e não de algo definitivamente descoberto.

**Bibliog.: impressa:** BONNEFOY, Yves, "Il reste à faire le négatif...", in *Pouvoirs du Négatif dans la Psychanalyse et la Culture*, Paris, Erreur Perimes, 1988, pp. 11-20; PAZ, Octavio, *Los Hijos del Limo*, Barcelona, Seix Barral, 1990; SABATÉ, Flocel, "Reflexiones de conjunto sobre los heterodoxos", in CASTILLO, Santiago, e OLIVER, Pedro (coords.), *Las Figuras del Desorden. Heterodoxos, Proscritos y Marginados*, Madrid, Siglo XXI de España, 2006, pp. 111-131; SENA, Jorge de, *Dialécticas Teóricas da Literatura*, Lisboa, Edições 70, 1977; STRADA, Vittorio, "Consenso/Dissensão", in RUGGIERO, Romano (coord.), *Enciclopédia Einaudi*, vol. 22, Lisboa, INCM, 1996, pp. 36-47; **digital:** LOPES, Cícero Galeno, "Dissidência", in CEIA, Carlos (coord.), *E-Dicionário de Termos Literários*, s.d.: <http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/7002/dissidencia/> (acedido a 21 abr. 2016).

RUI SOUSA

## Dualismo

O dualismo é uma doutrina que afirma a existência de dois princípios opostos e irredutíveis. A versão mais extrema é a do dualismo ontológico substancial, que encontramos especialmente nos sistemas gnósticos e na doutrina maniqueia dos primeiros séculos da era cristã. Mas pode assumir historicamente várias formas mais circunscritas, com o dualismo antropológico (corpo/alma; homem velho/homem novo; *res extensa/res cogitans*, etc.), o dualismo cosmológico (trevas/luz; matéria/espírito), o dualismo gnosiológico (conhecimento pelos sentidos, *dóxa/conhecimento pela razão, epistême*), dualismo cristológico (o Jesus histórico/o Cristo da fé; a existência de duas pessoas em Cristo, conforme o nestorianismo), etc.

Como termo técnico, a sua origem é recente: surge pela primeira vez na obra de Thomas Hyde, *Veterum Persarum et Parthorum et Medorum Religionis Historia*, publicada em Oxford, em 1700, no âmbito da explicação das doutrinas mazdeístas de Zoroastro, onde encontramos um dualismo teológico: Ormuz ou Ahura Mazda, o Deus Bom, senhor da sabedoria, contra Ahriman, o Deus Mau, príncipe das trevas (a coleção de textos sagrados conhecidos por *Avesta* é a fonte primária para este estudo; embora certas fontes refram que Ahura Mazda e Ahriman eram afinal irmãos e filhos de um deus maior, Zervan, o Tempo, do qual seriam como que dois ombros ou duas faces...). Para o dualismo ontológico ou metafísico, tudo o que existe exprime uma oposição básica e mais fundamental anterior ao ser e ao tempo. Podemos dizer que, como teoria



Thomas Hyde (1636-1703).

explicativa, ele representa o extremar mental das experiências de dualidade ou polaridades que decorrem da situação do Homem no cosmos: o dia e a noite, o macho e a fêmea, o céu e a terra, a direita e a esquerda, o movimento e o repouso, o quente e o frio, a vida e a morte, etc. Como se a própria consciência, na sua origem, não pudesse deixar de ser dualista e maniqueizante, só se apreendendo a si mesma em ato de divisão/distinção, que logo pretende superar dialeticamente.

A mitologia, a teologia e a filosofia apropriaram-se, depois, destas tensões vividas e tentaram justificá-las a seu modo. Os primeiros mitos conhecidos da humanidade (*e.g.*, o poema babilónico da criação, o *Enuma Elish*) dramatizam exemplarmente essa luta primordial entre dois deuses (no caso, a luta entre Marduk e Tiamat), conflito que depois se propaga a toda a realidade que há de vir. É fácil encontrar paralelos noutros contextos mítico-religiosos. No Oriente (China), são bem conhecidas as doutrinas do *yin* (feminino) e do *yang* (masculino), embora

estes não traduzam de modo algum uma doutrina dualista, mas antes a consciência de uma dualidade essencial sempre em movimento e a relação de dois princípios presentes em todas as coisas. Já não assim na filosofia indiana *samkhya*, uma das seis escolas consideradas ortodoxas, que é rigorosamente dualista, afirmando a oposição a todos os níveis da realidade, da consciência (*purusha*) e da matéria (*prakriti*). Tal orientação radicalmente dualista de certas correntes de pensamento na Índia encontra-se também aprofundada na doutrina *dvaíta* (dois) da filosofia vedanta, na eterna oposição entre *atma* (alma) e *Brahman* (divino absoluto).

Na filosofia grega nascente, encontramos tal tensão declinada entre uno e múltiplo, limitado e ilimitado, aparências e ser, etc., que descobriu logo aí soluções contraditórias, quer monistas, quer dualistas, quer ainda pluralistas. Pense-se na célebre tábua dos opostos dos pitagóricos (finito/infinito, par/ímpar, reto/curvo, macho/fêmea, etc.) e no dualismo órfico entre alma e corpo; na oposição dia/noite, verdade/opinião, ser/aparências, em Parménides de Eleia; no ódio e no amor como forças determinantes da relação entre terra, ar, água e fogo, em Empédocles de Agrigento, etc., e tem-se um primeiro quadro, a traço grosso, de como a filosofia acolheu este problema, que por muitas vias, opostas ou compósitas, tentará solucionar.

Costuma dizer-se que, na tradição ocidental, o mundo bíblico, em razão da narrativa da criação no livro do Génesis, desconhece o dualismo. Parece-nos correta a afirmação. Mas importa ainda assim notar que a enigmática afirmação de Génesis 1, 2 de que, antes de Deus criar a luz (Gen 1, 3), a terra era “vazia e informe” (*tohu wa bohu; inanis et vacua*) deu lugar a releituras gnósticas segundo as quais desde sempre haveria Deus e o seu outro:

a matéria primordial incriada. Embora este dualismo metafísico nos pareça inexistente no mundo bíblico, este apresenta-se-nos narrativamente cheio de polaridades: Deus/mundo, Deus/Satã (*e.g.*, em Job), verdade/mentira, aliança/desconfiança, pastores/agricultores, montanha/vale; etc., pares que correspondem dramaticamente ao sentimento de uma existência quebrada, desgarrada. Tais polaridades encontram-se do mesmo modo no Novo Testamento, especialmente no evangelho de S. João e em S. Paulo: estar no mundo/ser de Deus, carne/espírito, trevas/luz, morte/vida, lei/promessas, obras/fé, etc.

Tal fundo mitológico, religioso, filosófico, teológico, numa palavra, cultural irá cruzar-se e recruzar-se ao longo dos séculos, no Ocidente, gerando geometrias muito variáveis. Logo no séc. II, entre uma legião de tendências gnósticas, vemos Marcião de Sínope, inspirado nessa mesma gnose e em narrativas orientalizantes, opor de forma radical o Deus Mau do Antigo Testamento ao Deus Bom e todo amor pregado por Jesus (*e.g.* na parábola do filho pródigo). Tal dualismo na leitura da Bíblia cava-se de forma abissal com o maniqueísmo pregado por Manés, no séc. III, doutrina que tanto seduzirá, no séc. IV, o jovem Agostinho, angustiado com o mal que “parecia brotar da sua substância” (*Confissões*, II, 3, 8).

Na península Ibérica, por esta mesma altura, grassa a seita dualista de Prisciliano, chamada Priscilianismo, que retoma e adapta ao contexto hispânico os elementos gnósticos e maniqueus: demonização da matéria, angústia com o mal no mundo, insistência na salvação da alma, etc. E apesar do combate que, por todos os meios, a Igreja Católica empreenderá contra os dualismos (o Agostinho convertido foi nisso exemplar para muitos, *e.g.*, S. Bernardo de Claraval), vemos que

tais tendências jamais desapareceram na cultura ocidental, permanecendo subterrâneas e aparecendo em vagas sucessivas, na Idade Média, *e.g.*, nos cátaros, nos valdenses, nos bogomilos, ou ainda, de certo modo, na dramatização muito agostiniana (do último Agostinho: 425-430, contra os pelagianos, ou do Agostinho da *Cidade de Deus* e da *Cidade do Diabo*) de Inácio de Loiola entre Jerusalém e a Babilónia, e de Lutero, no que se refere à oposição radical entre a natureza e a graça, oposição que, entre outras, ainda encontramos filosoficamente transmutada, em Kant, entre a necessidade da natureza e a liberdade da vontade, entre razão pura e razão prática, entre outras.

O chamado dualismo cartesiano é outro veio importante para compreender os rumos filosóficos e teológicos da modernidade. Se em Descartes este dualismo é sobretudo antropológico (alma como coisa pensante/corpo como coisa extensa) e gnosiológico, ele encontrará também expressões cosmológicas, *e.g.*, na harmonia pré-estabelecida de Leibniz, e no deísmo do séc. XVIII, onde Deus e o mundo, depois do “piparote” inicial, não mais têm qualquer relação entre si. No âmbito da literatura, *e.g.*, tal dualismo cripto-gnóstico permanece como corrente subterrânea de muita literatura portuguesa (*e.g.*, Sampaio Bruno, *A Ideia de Deus*). Algumas linhagens da fenomenologia contemporânea, apesar do intento inicial de Husserl, não conseguem fugir ao fascínio do dualismo, reconhecendo não ser possível superar a duplicidade ou bifidez primordial do aparecer: o aparecer do mundo para a consciência, e o aparecer da vida para si mesma (*e.g.* M. Henry). Afirmam muitos, criticamente e não sem razão (*e.g.*, J. Cerqueira Gonçalves), que o dualismo e o maniqueísmo foram, e são, as grandes tentações do pensamento e da cultura ocidental. Angustiado com

o mal no mundo e dentro da vontade, dividido entre interior e exterior, cindido entre a perfeição moral e o pecado/falha, separado entre o querer e o poder, esmagado pela experiência do tempo e o anelo de eternidade, vivendo o relativo e almejando o absoluto, a perene tentação é pensar a preto e branco, fugir do mundo, demonizar a matéria. Tentação sempre recorrente, aliás: as muitas formas de maniqueísmo, de neognoses e de *new age* estão aí para o provar. O dualismo é sempre muito tentador. “De Nazaré pode vir alguma coisa boa?” (Jo 1, 46).

**Bibliog.:** AGOSTINHO DE HIPONA, *Confissões*; BRISSON, Luc, *Orphée et l'Orphisme dans l'Antiquité Gréco-Romaine*, Norfolk, Variorum, 1995; GONÇALVES, Joaquim Cerqueira, “Filosofia e relação. Interpretação cristã da categoria grega”, *Biblos*, n.º 56, 1980, pp. 183-194; HENRY, Michel, *Encarnação. Uma Filosofia da Carne*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001; PÉTREMENT, Simone, *Le Dieu Séparé. Les Origines du Gnosticisme*, Paris, Cerf, 1984; PUECH, Henri-Charles, *En torno a la Gnosis I. La Gnosis y el Tiempo y Otros Ensayos*, Madrid, Taurus, 1978; ROSA, José Maria Silva, *Em busca do Centro. Investigações sobre a Noção de Ordem em Santo Agostinho (Período de Cassiciaco)*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 1999; *Id.*, “Da fealdade e da beleza do/no mundo. Gnose, antignose e monstros em Santo Agostinho”, in HERREROS, José Luis Fuertes, e GONZÁLEZ, Ángel Poncela (orgs.), *De Natura. La Naturaleza en la Edad Media*, vol. 1, Porto/Vila Nova de Famalicão, Instituto de Filosofia da Universidade do Porto/Húmus, 2015, pp. 183-209; RUNCIMAN, Steven, *The Medieval Manichee: A Study of the Christian Dualist Heresy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1947; TARDIEU, Michel, e DUBOIS, Jean-Daniel, *Introduction a la Littérature Gnostique I. Collections Retrouvées avant 1945*, Paris, Cerf/Centre National de la Recherche Scientifique, 1986; TRESMONTANT, Claude, *La Métaphysique du Christianisme et la Naissance de la Philosophie Chrétienne: Problèmes de la Création et de l'Anthropologie des Origines a Saint Augustin*, Paris, Seuil, 1961.

JOSÉ MARIA SILVA ROSA

## Antiépopéia

Não chegando a definir-se como um gênero, a antiépopéia tem as suas especificidades, quase se diria um estatuto ontológico próprio que se compõe de uma diversidade de gêneros e subgêneros que literariamente a configuram – o narrativo, o lírico, o dramático, a elegia, a sátira –, com a dissolução tendencial das suas fronteiras e conseqüente fluidez semântico-pragmática. A esta volubilidade genológica corresponde uma inversa (e relativa) invariabilidade de temáticas e conteúdos de incidência marítima e viajante. Tal como acontece com a epopeia (todo o anti tem o seu modelo), a antiépopéia tem o seu travejamento imagético e metafórico, as suas tonalidades léxicas – que vão dos tons brandamente melancólicos ao negro sólido – e os seus procedimentos, entre os quais se conta o uso dessa forma privilegiada de reescrita que é a paródia, apta a fabricar contrafações negativas.

Lugar de desencanto, deceção, crítica desalentada e outras figuras da negatividade, mas também de desafio e receção criativa, a antiépopéia, contemporânea da consciência épica, é um mundo de polimórficas manifestações, como desde logo indicia o leque das denominações congêneres: não epopeia, epopeia impossível, contracpopeia, epopeia às avessas, epopeia ao contrário, epopeia em negativo, microepopeia, epopeia por defeito. Estas designações, na diversidade das suas motivações semânticas e dos seus sentidos denotativos e conotativos, expressam um sentir contraditório que, podendo ter lugar fora de qualquer textualização, é por